

ROBERTO MACEDO

Educação

O profissional globalizado

Há quem se refira à globalização apenas por seu lado internacional, fazendo referência à ampliação do comércio, das transações financeiras e dos meios de comunicação entre países, que são os aspectos mais ressaltados. Mas ela significa também um alargamento do espaço de atividades dentro de cada país, o que é particularmente relevante num país de dimensões continentais como o Brasil.

Isso tem implicações muito importantes no mundo do trabalho e da educação para o trabalho. Na esteira da globalização, o que vem ocorrendo é a diminuição do trabalho sob a forma de emprego permanente, numa única empresa e num mesmo local. Antigamente, era mais fácil associar uma pessoa a uma profissão, a um emprego ou ocupação e a uma empresa ou instituição, até porque as cidades eram de menor porte e o relacionamento social, mais intenso.

Hoje, quando colegas de profissão ou mesmo de várias áreas se encontram, a pergunta usual é: "O que você anda fazendo?" Não se pergunta mais se a pessoa ainda está na empresa x, talvez pelo temor de ouvir que houve a perda do emprego. De qualquer forma, a pergunta é evidência da dissociação entre pessoas e ocupações, com estas mudando com maior frequência.

Se assim é, cabe perguntar se a educação recebida na escola é adequada. Tratando aqui do caso do ensino superior, entendo que não. A era é da informação e do conhecimento e essa globalização exige o que se poderia chamar de "conhecimentos transportáveis", de uma ocupação para outra, às vezes até fora do âmbito usual da profissão. Ou seja,



Faculdades seguem com suas fornadas de gente mal preparada para o mundo do trabalho

um profissional globalizado. Nossos jovens, entretanto, são levados a optar precocemente por uma faculdade já no vestibular. Na idade em que fazem a escolha do curso, usualmente na faixa entre 16 e 18 anos, nem se conhecem bem a si mesmos nem têm maiores informações sobre o mundo que os rodeia. Os riscos de uma escolha inadequada são, assim, elevados. Em seguida, passam por currículos rígidos em faculdades isoladas umas das outras, nas quais são forçados a uma especialização também precoce, em que uma maior amplitude de conhecimentos é sacrificada. Ao mesmo tempo, são

privados de um convívio social mais intenso com estudantes com outros interesses, o que seria uma experiência muito importante para formá-los como pessoas e cidadãos. No final, sai um profissional "quadrado" para um mundo redondo também sob outros aspectos, pois exige permanente flexibilização e adaptação. Pode-se dizer, também, que sai um profissional provinciano, incapaz de enxergar e aproveitar as oportunidades que são abertas aos profissionais globalizados.

Quem emprega, entretanto, sabe que os diplomas, de uma coisa ou outra, não dizem muito a respeito dos candidatos às oportunidades disponíveis. Pesquisa que realizei sobre o assunto mostra que tanto empresas como o governo federal não dão mais a mesma ênfase que davam no passado à especialização indicada pelo diploma. Para uma ocupação qualquer, digamos, um en-

carregado de importação numa empresa ou um auditor fiscal do Tesouro Nacional – o impopular fiscal da Receita Federal –, são aceitos os mais variados profissionais, conforme indicados pelos seus diplomas. Aliás, estamos habituados a apenas criticar o governo, mas neste caso ele é o mais moderno, já que em boa parte dos seus concursos aceita qualquer diploma. O que interessa é a competência e a flexibilidade do profissional selecionado, entre outros aspectos.

Ou seja, a demanda é de profissionais globalizados, com conhecimentos transportáveis de uma ocupação para outra. E as faculdades, por sua vez, continuam com suas fornadas de gente mal formada para o mundo do trabalho. Por isso mesmo, defendo a idéia da escolha postergada para uma idade menos imatura, realizada só após o vestibular e depois de o estudante ter cursado, com seus colegas de universidade, dois anos de disciplinas oferecidas a todos, aumentando a amplitude de conhecimentos e o convívio social dos estudantes, deixando a especialização para os últimos dois anos e, em alguns casos, como no de Medicina, até mesmo para a pós-graduação.

Dito isso, é hora de voltar ao hábito de criticar o governo. Vários ministérios fazem contratações aceitando qualquer diploma. Já o Ministério da Educação continua tangendo os estudantes, como bois – ou melhor, bezerros – em boiada, para este ou aquele curso. Quando crescerem, entretanto, eles vão perceber que poderiam estar mais bem preparados para enfrentar esse quase vale-tudo que se está firmando como regra do lado das oportunidades de trabalho.



■ Roberto Macedo, economista com doutorado pela Universidade de Harvard (EUA), professor e consultor, é autor do livro *Seu Diploma, sua Prancha – Como Escolher a Profissão e Surfar no Mercado de Trabalho* (Saraiva, 1998).
E-mail: roberto@macedo.com